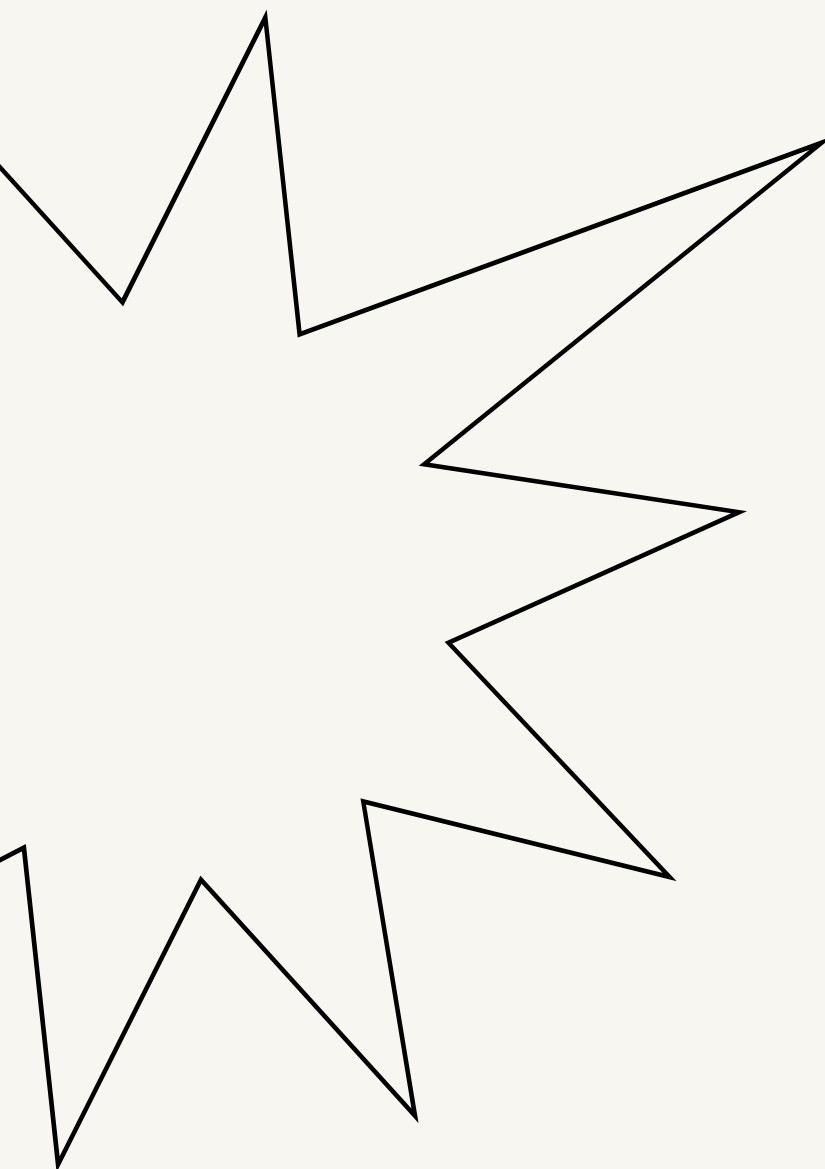


A MOBILIZAÇÃO POPULAR QUE FREOU O FASCISMO:

UMA ANÁLISE FEMINISTA DO RESULTADO ELEITORAL DE 2026

NATÁLIA CORDEIRO*



É uma tarefa arriscada analisar politicamente algo tão extraordinário e tão complexo como o que vivemos nas últimas semanas no Brasil e que resultou na reeleição do presidente Lula, no último domingo, 25 de outubro de 2026. Esse dia ficará marcado na nossa história como o dia em que a esquerda brasileira derrotou o projeto fascista nas urnas, mesmo enfrentando forças contrárias poderosíssimas como o poder empresarial, a exploração sexual de mulheres, a omissão irresponsável dos grandes meios de comunicação, os executivos municipais alinhados à direita, a violência da milícia, o poder judiciário, as *big techs* e o imperialismo norte americano.

Mas o feminismo nos ensina sobre a importância de refletir coletivamente sobre o caminho percorrido, interpretar por nós mesmas o que foi feito e efetivamente agir nos nossos próprios termos. Pensar com nossa própria cabeça e falar com nossa própria boca e atuar conforme nossas próprias formas de fazer, são formas de resistência política que modificam a possibilidade do narrável.

*Natália Cordeiro é educadora do SOS Corpo, coordena o Fórum de Mulheres de Pernambuco e é doutora em Ciência Política pela UFPE.

Isso é especialmente importante para nós mulheres que estamos situadas no Nordeste do Brasil, pois nossos conhecimentos e análises políticas são constantemente invisibilizados e marginalizados. Nesse sentido, nos parece que alguns aprendizados podem ser extraídos desse processo e gostaríamos de compartilhar aqui nossas reflexões.

O primeiro deles é enterrar de vez a ideia de sujeito único da revolução (ou da transformação, para combinar melhor com nossos tempos) e a ideia de que há uma forma única ou uma forma superior de organização popular. O que vimos neste período foram sujeitos múltiplos com múltiplas formas de pensamento e atuação.

Vimos uma intensa mobilização virtual via whatsapp e via criação de conteúdos orgânicos no instagram e no *tik tok* – a figura de Janones exerceu um papel central, mas também outras figuras como Ana Elisa, Jones Manoel, Erika Hilton e Guilherme Cortez. Houve uma retomada histórica das mobilizações populares (de pessoas organizadas ou não) nas ruas e que fique registrado: elas foram muito além do eixo Rio-São Paulo e muito além dos centros urbanos. A atuação de veículos de comunicação independentes, a exemplo da série Revelando, também foi essencial para desvelar os principais crimes cometidos pelo já fugitivo, mas à época candidato, Flávio Bolsonaro.

Conseguimos, enquanto campo, pautar o debate e obrigar o lado deles a se defenderem e isso os confundiu. Além das formas tradicionais, usamos o humor

como forma de resistência e denúncia, assim como as artes.

No campo da cultura, vimos inúmeros artistas, pessoas públicas, fandoms e torcidas de futebol se posicionarem. Isso a nível nacional, mas também a nível internacional. Tivemos força para retomar um certo internacionalismo da luta. Foram diversos os movimentos sociais que estiveram – e é justo que se diga – fazendo campanha desde o primeiro turno. E, fundamentalmente, vimos uma imensa multidão de pessoas que não estão organizadas politicamente se mobilizarem movidas pelo desejo de um futuro digno, livre e soberano. Elas fizeram banquinhas de vira voto, organizaram cafés com bolo, organizaram caronas solidárias para o dia de votação...

Outro aprendizado desse processo foi sua dimensão intergeracional. Dos/das idosos/as aos/às jovens houve mobilização. Isso também complexifica os discursos que desconsideram a atuação política das juventudes e enfrenta a ideologia hegemônica do capitalismo que descarta o que não é novo, sejam coisas ou pessoas. Ao longo da campanha e no dia das eleições em si, vimos jovens e idosos atuando juntos, contribuindo para uma transmissão afetiva e dialética entre o já feito e o por fazer. Foi pela história do nosso país e das pessoas individualmente que muita gente se mobilizou, mas foi também pelo futuro do país e nosso enquanto indivíduos e enquanto sociedade.

Essa foi uma grande lição sobre como pensar o tempo, a relação entre passado, presente e futuro, de maneira crítica.

Um terceiro aprendizado desse processo foi mostrar que há espaço sim para a radicalidade. Não uma radicalidade abstrata, muito menos uma radicalidade ingênua, mas uma radicalidade baseada na vida concreta das pessoas e na politização que podemos promover enquanto campo de esquerda durante processos de luta como este.

E aqui a atuação dos movimentos foi imprescindível, notadamente do movimento feminista. Estratégias como “Feministas com Lula”, do Fórum de Mulheres de Pernambuco, se basearam no fato de que a esquerda foi tão ao centro que abriu mão das suas principais bandeiras de luta, a nível material e simbólico. E isso, ao invés de ampliar a coalizão de apoio ao governo Lula, fragilizou o campo, tornou a esquerda indistinguível do centro e até mesmo da direita em alguns casos. Nesse sentido, era fundamental nomear as coisas, falar em feminismo de forma propositiva, retomar a força que é se identificar com um projeto político transformador e não somente com uma identidade social fixa.

Viramos votos e convencemos pessoas que não saíram de casa pra votar no primeiro turno falando em fim das bets, fim da jornada 6x1, dizendo que não existe isso de trabalhador negociar com patrão, falando de tarifa zero; falando de uma polícia militarizada e de uma milícia que assassina crianças e que atua para exterminar o povo negro; falando de aborto legal, de violência contra as mulheres, falando da importância dos serviços públicos utilizados cotidianamente pelas mulheres que são as

principais responsáveis pelo trabalho reprodutivo nesse país, explicando o que era feminismo.

Falamos literalmente, de forma politizada e criativa, exercendo nossa capacidade de diálogo que implica em escutar com generosidade o/a outro/a, mas sem subestimá-lo/a intelectual e politicamente.

Para ir concluindo, pelo menos por enquanto, essa análise, precisamos valorizar muito a importância do que fizemos para o mundo. Essa vitória coletiva, inédita e quase inacreditável representa uma barreira de contenção aos avanços da extrema direita na América Latina e no mundo. Fazer isso neste momento do mundo em que Trump é presidente dos EUA e que a extrema direita está no poder em diversos países da nossa região e do mundo, demonstra que a história não é incontornável. A mobilização popular foi capaz de deslocar o eixo adotado pela campanha no primeiro turno que era defender o já feito por uma única figura e sua trajetória de vida extraordinária, para o eixo do significado criminoso e fascista do adversário e a firmeza de que a vitória dependia de cada um e, principalmente, cada uma de nós.

Mas como não podia deixar de ser, gostaríamos de compartilhar alguns desafios sobre os quais estamos pensando. Pensando os movimentos sociais de maneira geral, passada a euforia da vitória, como nós que estamos organizadas/os podemos fazer para manter acesa a centelha que mobilizou tanta gente? Quais os desafios organizativos e articulatórios precisamos enfrentar para transformar esse processo em algo duradouro?

Como faremos para construir unidade passado o prazo em que todos tínhamos um objetivo comum que era reeleger Lula? Como lidar com as diferentes perspectivas que vão surgir doravante sobre como seguir atuando? Qual deve ser a medida da relação entre atuação em redes e nas ruas? Como vai ser a relação entre os movimentos sociais e os/as deputados/as eleitos/as com base na atuação nas redes?

E há também questões mais específicas para o campo feminista: o que representa para nós a ideia de exército liderado por um homem acusado de violência contra a mulher que exerce uma liderança verticalizada que, por um lado, nos fazia sentir importantes e atuar coletivamente, mas por outro grita e dá ordens/missões para cumprir? O que pode significar isso para a cultura política que queremos construir? Qual o papel das lideranças nos movimentos horizontais e autônomos? De onde emergem hoje a legitimidade das lideranças? Como seguiremos atuando enquanto campo em um contexto onde a extrema direita foi derrotada no executivo nacional, mas saiu absolutamente vitoriosa nos legislativos nacional e estaduais, tendo o antifeminismo no centro do seu discurso? Como convenceremos o restante da esquerda a bancar a partir de uma perspectiva feminista a luta pelo fim da violência, o aborto legal e a legalização do aborto, a justa divisão do trabalho reprodutivo? Qual nossa estratégia para tornar mais radical e politizada a esquerda brasileira? E para nos reorganizarmos como campo político?

Obviamente não há respostas simples para estas perguntas. Mas precisamos fazê-las. Porque a continuidade dessa mobilização não virá de um simples ato de vontade ou

de uma esperança ingênua. Ela depende de reflexão, organização e articulação política. Precisamos limpar nossa vista e encontrar dentro de nós e ao lado de cada companheira a convicção de que este é um momento tão feliz quanto complexo da nossa história enquanto indivíduos, enquanto movimento e enquanto país.

É tarefa de cada sujeito político assumir sua responsabilidade histórica. Hoje já sabemos que o pior não é inevitável, que a humanidade não é predestinada. Ela é construída por nós, coletivamente e que cada presente abre uma infinidade de possibilidades de futuro. Mas, também já sabemos, que além de acreditar, precisamos trabalhar coletivamente por isso.



SOS CORPO

**Instituto Feminista
para a Democracia**